

O ANARQUISMO NAS USINAS: RAÍZES DO SINDICALISMO EM PERNAMBUCO NO COMEÇO DO SÉCULO XX¹

Tamira Combrink²

Resumo

O presente artigo explora como as tendências anarco-sindicalistas expandiram-se para o interior agrário de Pernambuco no começo do século XX. Esta questão pode ser dividida em três partes: em primeiro lugar, como as pessoas na área rural de Pernambuco encontravam-se receptivas a essas idéias novas; em segundo lugar, as vias pelas quais se difundiu o anarco-sindicalismo; em terceiro lugar, quais os meios pelos quais tais idéias se divulgavam.

Palavras-chave: anarquismo; sindicalismo; Pernambuco.

This article describes how anarcho-syndicalist tendencies expanded into Pernambuco's agricultural interior in the beginning of the twentieth century. The investigation can be divided into three parts: first, the reception of people in Pernambuco's rural area to these new ideas; second, the channels through which anarcho-syndicalism spread; third, the means by which the ideas were propagated.

Keywords: anarchism; syndicalism; Pernambuco

No dia 7 de Junho de 1919, os trabalhadores da usina Santo Ignacio, no município do Cabo, Pernambuco, mandaram ao proprietário, que estava no Rio de Janeiro envolvido em assuntos políticos, um telegrama requerendo a jornada de trabalho de 8 horas. Eles estavam bem conscientes de que ‘companheiros’ no mundo inteiro tinham a mesma reivindicação. Eles enfatizavam, com certa ironia, o fato de que seu empregador havia presenciado a aprovação no Congresso deste princípio.³

O que é marcante neste incidente é a autoconfiança e grau de informação do telegrama. Os trabalhadores de uma usina no Nordeste do Brasil trabalham ainda mais de que 8 horas por dia. Em 1919, a escravidão havia sido abolida havia apenas 31 anos, e a idéia que uma jornada de trabalho de 8 horas fosse justa ou correta, ou mesmo o direito dos trabalhadores era completamente nova e estranha ao sistema social vigente. Como tal exigência fora possível numa região periférica e rural, onde o poder dos usineiros é virtualmente ilimitado, onde a opressão é tão profundamente enraizada na estrutura social que invade a esfera privada, até mesmo a mente, e onde as relações de trabalho são descritas pelos contemporâneos como semelhantes à escravidão? E como é possível que estes trabalhadores soubessem o que estava acontecendo no Congresso, ou que participavam de um movimento internacional, quando a maioria deles era analfabeta?

Os trabalhadores da Santo Ignacio não estavam sozinhos. Em 1919, muitas usinas do Estado de Pernambuco foram palco de cenas de greves, reivindicações coletivas e da existência, por pouco tempo, de sindicatos rurais. O historiador Jaime

¹ Título original: “Anarchy in the sugar mills. Early twentieth century roots of labour unionism in Pernambuco, Brazil”. Tradução de Christine Rufino Dabat. Revisão do português: José Marcelo Marques Ferreira Filho.

² Este artigo é fruto de uma pesquisa mais ampla, realizada para a dissertação de Mestrado em História na Universidade de Amsterdam, sob a supervisão de Professor Dr. Leo Lucassen. Agradeço na UFPE, a Christine Dabat; na Unicamp, a John Monteiro; no Instituto Internacional de História Social (IISH), a Marcel van der Linden e Ulbe Bosma; assim como ao Instituto Leuenroth, Arquivo Estadual de Pernambuco; a minha prima Juliana Schiel.

³ ‘S.O.V. de Cabo’ em: *Tribuna do povo* (7 de Junho, 1919). Veja também a carta publicada em *Tribuna do povo* (31 de maio, 1919).

Reis menciona o movimento como ‘o perigo nascente do anarco-sindicalismo’.⁴ Por conta da natureza periférica, à primeira vista, da estrutura agrária e ‘pré-capitalista’ da sociedade e da ausência relativa de imigrantes na região, Pernambuco parece um lugar particularmente inesperado para a eclosão de um movimento anarco-sindicalista. Isto requer simplesmente uma explanação.

O presente artigo explora como era possível para o sindicalismo de tendência anarco-sindicalista expandir-se para o interior agrário de Pernambuco no começo do século XX. Esta questão pode ser dividida em três partes: em primeiro lugar, como as pessoas na área rural de Pernambuco encontravam-se *receptivas* a este tipo de idéias novas; em segundo lugar, de que maneira as idéias anarco-sindicalistas se difundiam na prática; em terceiro lugar, quais os meios pelos quais tais idéias se divulgavam. Estas questões serão abordadas nas próximas páginas.

Em seguida, será argumentado que Pernambuco não era tão ‘pré-capitalista’ no fim das contas. As modernizações na região, no que tangia à estrutura socioeconômica, providenciavam um terreno para novos tipos de luta da força de trabalho. Por sua vez, as idéias anarco-sindicalistas seguiam itinerários que serão descritos. Enfim, será apresentada uma análise de como elas se difundiram, e contribuíram para a formação do próprio movimento. Por fim, voltar-se-á à questão de como tal movimento dos trabalhadores no setor açucareiro foi possível.

Pernambuco socioeconômico

Para entender esta disputa trabalhista em Pernambuco, é preciso lembrar a estrutura socioeconômica e o tipo de relações de trabalho que reinavam na região. Ao descrever o Estado como pertencendo a uma área rural e periférica, dá-se a impressão de “atraso”. Mas esta impressão não é inteiramente exata, na medida em que a região estava se modernizando rapidamente sob certos aspectos. O principal estudioso do assunto, Peter Eisenberg, chama esta evolução de “*modernização sem mudança*”,⁵ já que a industrialização não havia trazido grandes transformações nas relações sociais altamente desiguais. No entanto, mudanças pequenas providenciavam espaço suficiente para os (pequenos) levantes de 1919, como será mostrado adiante.

O Estado de Pernambuco, havia séculos, fora dominado pela indústria açucareira. Até 1888, ele se apoiara nas plantações usando trabalho escravo e em engenhos pequenos, movidos a força animal. Estas plantações haviam sido envoltas de agricultores que produziam para sua subsistência e um punhado de profissionais formados e barraqueiros.⁶ No entanto, em 1919, na região costeira de Pernambuco, o cenário havia mudado e doravante arvorava centros agro-industriais de grande porte, conectados entre si por ferrovias.

Os escravos haviam sido substituídos por um tipo de camponeses dependentes,

⁴ “*The nascent peril of anarcho-syndicalism*”. REIS, Jaime. “From banguê to usina: Social aspects of growth and modernization in the sugar industry of Pernambuco, Brazil, 1850-1920”. In: KENNETH, Duncan and RUTLEDGE, Ian (ed.). *Land and labour in Latin America. Essays on the development of agrarian capitalism in the nineteenth and twentieth centuries*. Cambridge, 1977, p. 391.

⁵ EISENBERG, Peter L. *The sugar industry in Pernambuco: modernization without change 1840-1910*. Berkeley: University of California Press, 1974. EISENBERG, Peter L. *Modernização sem mudança. A indústria açucareira em Pernambuco 1840-1910*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

⁶ Ver a obra de FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: Formação da família Brasileira sob o regime de economia patriarcal* [1933] e outros trabalhos para uma visão clássica de um intelectual erudito, ele mesmo descendente de proprietários de escravos. Ver CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia de. *Homens livres na ordem escravocrata*. (São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969) para o primeiro relato detalhado do papel dos pobres livres na sociedade escravocrata. Relatos são também disponíveis no livro de Manuel Correia Andrade. *A Terra e o Homem no Nordeste*. [1963] São Paulo: Livraria Ed. Ciências Humanas, 1980.

os moradores,⁷ que durante a safra, aumentavam com a presença de trabalhadores sazonais assalariados oriundos do sertão. Os velhos engenhos movidos a força animal foram substituídos por usinas, onde centenas de assalariados trabalhavam duro em longas diárias. Estas usinas faziam uso de vapor, caldeiras a vácuo e geralmente possuíam os canaviais circundantes, o que lhes permitia incrementar a escala da produção de açúcar e a concentração de poder e capital nas mãos de poucas famílias.⁸

Enquanto os pequenos arrendatários, cambiteiros e outras ocupações para os pobres diminuía por conta da modernização e aumento da escala de produção, um novo grupo distinto de trabalhadores formava-se na sociedade rural. Tratava-se da população vivendo nas cidades da zona rural que se empregava como trabalhadores da agro-indústria; dos mecânicos que atuavam nas usinas; dos trabalhadores do setor têxtil e das olarias; assim como os trabalhadores nas ferrovias ou na construção de novas estradas e edifícios. E finalmente, havia os empregados da crescente classe média destas pequenas cidades: comerciários e entregadores de jornais etc. Pouca atenção é paga a este grupo na historiografia, embora eles formassem a chave de um novo tipo de conflito trabalhista no campo.

Estes proletários rurais eram receptivos às novas idéias do sindicalismo. Trabalhando em grupos grandes, sendo mais móveis, tendo contato com os membros da classe média, vivendo em pequenas cidades e tendo um pouco de escolaridade, eles estavam perfeitamente situados para tornarem-se pioneiros na militância sindical rural. Eram, ao mesmo tempo, mais independentes do que os camponeses, e mais vulneráveis às recessões econômicas. Em razão da Primeira Guerra Mundial, em 1917 e novamente em 1919, o Brasil sofreu recessão: a inflação nos preços dos alimentos causava fome entre os pobres que dependiam de salário. Em 1917, isto causou grandes rebeliões em São Paulo e Rio de Janeiro, com alguns resultados políticos duráveis: um congresso de trabalhadores foi reconhecido pelo governo e já mencionava a jornada de trabalho de oito horas. Por ocasião do 1º de maio de 1919, outra greve geral começou em São Paulo. Desta vez, os trabalhadores rurais em Pernambuco também participaram.

Do socialismo ao trabalhador de usina

Uma vez o proletariado rural receptivo ao sindicalismo, precisa-se mostrar como estas idéias chegaram a Pernambuco; como alcançaram um proletariado rural geralmente analfabeto; e por que se autodenominaram anarco-sindicalistas. Em sete etapas, pode-se retratar o caminho percorrido por este ideário desde seu lugar de nascimento na Europa até os trabalhadores das usinas de Pernambuco.

Surgido no Velho Continente na segunda metade do século XIX, ele inspirou teóricos como Bakunin. O anarco-sindicalismo era uma forma de socialismo que se distinguia tanto da social-democracia reformista quanto do partido comunista centralizado. Acreditava em ‘ação direta’ e na organização de ‘sindicatos’ de maneira a trazer à existência a revolução social. Às vezes, chamado de socialismo libertário, já que colocava muita ênfase nas liberdades individuais, rejeitando o Estado, qualquer tipo

⁷ Manuel Correia de Andrade e Peter Eisenberg apresentavam a situação de *morada* como a base semelhante à ‘peasant’. Para uma melhor discussão da natureza da moradia ver Christine Paulette Yves Rufino Dabat, *Moradores de engenho: estudo sobre as relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco, segunda a literatura a academia e os próprios atores sociais*. (Recife:EDUFPE, 2007), p. 243 et ss.

⁸ Ver GALLOWAY, J. H. *The Sugar Cane Industry. An historical geography from its origins to 1914*. Cambridge: UP, 1989; Jaime Reis, e outros autores sobre o período quando a usina se tornou predominante, ao mesmo tempo em que os moradores passaram a substituir os escravos. Ver Martha Knisely Huggins (1981) para um estudo de como os vagabundos precisavam ser criminalizados para forçar a população a oferecer seu trabalho nas plantações. Ver Jaime Reis (1977) sobre o comércio interno de escravos entre 1850 e 1888.

de centralismo e até mesmo de doutrina. Os anarquistas acreditavam na emancipação como um processo intelectual individual e, portanto, enfatizavam a educação e organizavam programas de alfabetização. Embora as formas de anarco-sindicalismo variassem muito, na França, Itália, Espanha, Portugal e a América Latina, foi um movimento muito importante ou até dominante no movimento socialista por bastante tempo. O término desta fase corresponde grosso modo após a Revolução Russa de 1917, quando eles perderam muito de sua popularidade para o partido comunista e, após o segundo Comintern (1921) passaram também a ser perseguidos por ele.

Já que alguns setores entre os anarquistas no século XIX haviam interpretado a ‘ação direta’ como sendo a colocação de bombas em lugares públicos ou o assassinato de políticos, a palavra ‘anarquista’ tinha mais ou menos as mesmas conotações que o termo ‘terrorista’ tem atualmente: anarquistas eram temidos, perseguidos e exilados em todo lugar. Para o anarquismo latino-americano, contudo, a idéia sindical era muito mais importante que a de ‘ação direta’, particularmente em virtude do fato que os anarquistas podiam dominar a estrutura sindical.⁹

Em segundo lugar, a ideologia havia alcançado o Brasil, no século XIX, através da imigração de italianos anarquistas ‘missionários’ e exilados políticos, que integravam o fluxo de trabalhadores italianos para o Estado de São Paulo. Ele se espalhou por meio da criação de sindicatos, jornais e centros educacionais e culturais comportando cursos de alfabetização e teatros.¹⁰

Em terceiro lugar, algumas idéias socialistas também chegaram a Pernambuco, onde havia pouquíssimos imigrantes europeus. Portanto, em primeiro lugar, as idéias socialistas penetraram de uma maneira muito vaga e doce, pela adoção de tais idéias por parte de alguns intelectuais pernambucanos por volta de 1900. Havia um órgão



José Elias
Fontê; Dulles (1973)

socialista operário em volta de João Ezequiel, chamado *Aurora Social* (1901-1907). *Aurora* era órgão do Centro Protetor, que juntava um vasto número de uniões operárias e contava aproximadamente 6000 membros. Era de caráter socialista revolucionário, apesar da retórica cristã, ilustrada com frases como “É a redenção sonhada por Cristo, socialista utópico, cujas doutrinas foram prostituídas pelos exploradores”.¹¹

As idéias intelectuais socialistas influenciaram corporações e associações de ajuda mútua que, às vezes, transformaram-se em sindicatos. Inspiraram também proprietários de plantações cristãos e membros da igreja a organizar ajuda mútua ou entidades caritativas para os trabalhadores.¹² Em geral, as idéias socialistas ecoavam

⁹ THORPE, Wayne. “The workers themselves”, *Revolutionary Syndicalism and International Labour: 1913-1923*. Amsterdam: Springer, 1989. JOLL, James. *The Second International*. London: Routledge & Kegan Paul Books, 1966, p. 188. CAPELLETTI, A. J. *El anarquismo en America Latina*. Caracas, 1990. Prólogo. LÖSCHE, Peter. *Anarchismus*. Darmstadt, 1977.

¹⁰ DULLES, John W.F. *Anarchists and communists in Brazil 1900-1935*. Austin and London, 1973. *Anarquistas e comunistas no Brasil 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis & ANDRADE, A.T. *O ano vermelho: A revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. Brasília: Civilização Brasileira, 1980. PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. *A classe operária no Brasil; documentos 1889-1930*. São Paulo: Alfa Omega, 1979.

¹¹ *Aurora Social*, 31 de maio, 1902.

¹² *Ação Social Católica no Brasil. Corporativismo e Sindicalismo*, publicado como CEPEHIB, 7 (introduzido e editado por Fernando Azevedo, 1986. Esta fonte também é citada e interpretada por REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. *A classe operária em Pernambuco. Cooptação e Resistência (1900-1922)*. Campinas, Tese de Doutorado, 1981. Veja também o órgão semanal sócio-cristão operário *União Operária*, 1905-1907. Para um exemplo de organização socio-cristã no campo veja: *Boletim de Fornecedor*, 1919.

muitos valores e crenças cristãos, de um lado, e a extensão das idéias abolicionistas liberais, do outro lado. Sobretudo, era uma mistura não muito cristalizada de todos os tipos de idéias progressistas, qualquer coisa que tendesse a uma sociedade menos elitista.¹³

Em quarto lugar, uma forma de sindicato, baseada na luta de classe (em vez da harmonia entre empregador e empregado) emergiu apenas após 1914 em Pernambuco. Era forte a União de Porteiros de Recife que havia enviado uma representação à Confederação Operária do Brasil, em 1913. Na ocasião, foi decidido que José Elias – o líder da União de Operários da indústria têxtil do Rio de Janeiro – deveria voltar a sua terra natal para organizar os operários. Pescador autodidata, leitor de Gorki, José Elias foi para o Rio de Janeiro para se juntar ao movimento anarco-sindicalista e foi mandado de volta para converter organizações de ajuda mútua e guildas em sindicatos independentes, com fundo de resistência. A União de Porteiros foi o primeiro membro da nova Federação Operária Pernambucana, fundada em 1914. Elias conseguiu converter aproximadamente dezoito organizações de ajuda mútua em sindicatos.¹⁴

Em quinto lugar, a expansão cessou, devido à repressão nos anos seguintes, apenas para voltar com maior força em 1917.¹⁵ Em agosto desse ano, uma onda de greves foi iniciada pela Federação Operária para reivindicar a jornada de oito horas. Foram principalmente os operários da indústria têxtil que se organizaram. Em 1918, Antônio Bernardo Canellas, agitador exilado de Alagoas, fundou a *Tribuna*, jornal anarquista dirigido aos trabalhadores.

Era um semanal publicado pela Federação Pernambucana de Sindicatos. Geralmente contava quatro páginas: uma tratando de notícias do movimento operário internacional (sempre com uma ou duas semanas de intervalo); uma página consistia em notícias concernentes a assuntos sobre trabalhadores na região (cartas de trabalhadores e matérias sobre reuniões). As demais páginas da publicação comportavam discussões de ideologia anarquista; sobre os males da sociedade, a política mundial (por exemplo, o fim da Primeira Guerra Mundial e as reações à Revolução Russa); a história dos movimentos de trabalhadores e assuntos de literatura (como obras de Emile Zola, por exemplo). Este jornal tinha alguns leitores no campo que promoviam sua difusão através de seus militantes em suas respectivas regiões. Algumas histórias publicadas na imprensa regional a respeito da proibição da *Tribuna* pelos gestores das usinas mostram que os jornais, pelo menos ocasionalmente, alcançavam os trabalhadores agro-industriais.

Em sexto lugar, além do jornal, a Federação de trabalhadores começou campanhas de propaganda ativa para incluir cada vez mais membros. Em 1918, trabalhadores têxteis da Várzea, nos arredores da capital, estavam se organizando e procuraram deliberadamente incluir no seu órgão, trabalhadores têxteis de outros municípios. Eles organizaram campanhas em Jaboatão, cidade industrial próxima ao Recife, numa fábrica têxtil, numa olaria e numa usina, além da central dos ferroviários. Dentro de duas semanas após a campanha, o Sindicato Geral de Jaboatão foi fundado e

¹³ A maneira como idéias de organização de resistência e questão social entram e se movimentam no Estado de Pernambuco antes de 1914 é interessante. Mais atenção é dedicada ao assunto na minha tese. Veja também a tese de Antonio Paulo Rezende *A classe operária em Pernambuco. Cooptação e Resistência (1900-1922)*. Op. cit.

¹⁴ SOUZA BARROS. *A década de 20 em Pernambuco (uma interpretação)*. Rio de Janeiro : Acadêmica, 1972, p. 83. REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. *A classe operária em Pernambuco*. Op. cit., pp. 72-79. DULLES, John W. F. *Anarchists and communists in Brazil 1900-1935*. Op. cit., p. 123. Ele é descrito como uma pessoa muito inteligente e um maravilhoso orador público apesar de seu forte sotaque de pescador nordestino.

¹⁵ PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do passado*. [1949] Fortaleza: Biblioteca Básica Cearense, 2009, p. 202

alcançou logo mais de mil membros. Este crescimento surpreendente foi relatado pela *Tribuna* como sendo amplamente devido ao trabalho de organização de trabalhadoras do setor têxtil e trabalhadores da fábrica de cerâmica dentro do Sindicato de Jaboatão,¹⁶ mas também dos ferroviários que contribuíram de maneira marcante para o sucesso deste sindicato.

Enfim, após Jaboatão, outras cidades rurais e agroindustriais seguiram, notadamente as usinas. Os ferroviários de Jaboatão procuraram sindicalizar todos os trabalhadores das ferrovias. Sendo o açúcar o único produto de exportação da região da Zona da Mata, a rede de ferrovias atravessava praticamente todas as usinas do Estado. Era uma prática nacional, começar com um sindicato geral por cidade, antes da divisão sindical por setor, pois queriam enfatizar a solidariedade de classe e não por profissão. Os sindicatos criados por meio das campanhas de propaganda dos ferroviários incluíam os trabalhadores das usinas. E embora a longo prazo, os trabalhadores das ferrovias fossem muito mais organizados que os das usinas, no começo de 1918 e sobretudo em 1919, esses últimos prevaleceram nos sindicatos gerais, alguns sendo denominados pela *usina* em vez do município.¹⁷ **O trem e a mobilidade espacial**

Entre os meios ‘materiais’ pelos quais as idéias se divulgavam, a imprensa facilitava enormemente sua difusão. Muito já foi escrito a respeito do papel especial dos gráficos nos movimentos sociais. Isto se verificou também em Pernambuco.

No entanto, numa sociedade com preponderância do analfabetismo, a mídia escrita era relativamente limitada no seu alcance. As idéias deviam se difundir diretamente, oralmente, de maneira a atingir os analfabetos. Isto podia ser conseguido ao organizar discursos, mas também de maneiras informais, de boca a boca. Ambos meios podiam se tornar mais fáceis e aumentar por força da modernização dos meios de transporte que melhoravam a mobilidade das pessoas. Deste modo, o trem era tão importante para a divulgação oral das idéias quanto a imprensa para a escrita. Os ferroviários preenchiam uma função similar à dos trabalhadores gráficos. Como vimos, os ferroviários constituíam a ligação direta entre o movimento de trabalhadores urbanos e os empregados das usinas. Há muitas outras maneiras em que o trem foi o principal contribuidor à divulgação de idéias entre os trabalhadores das usinas.

A ferrovia não era apenas uma parte necessária na modernização da agro-indústria e um dos meios de promover a exportação do produto. Ela aumentava também a mobilidade dos trabalhadores. Transportava trabalhadores urbanos que se empregavam temporariamente nas usinas, construindo novas instalações, por exemplo. Também mecânicos e outros trabalhadores especializados chegavam para trabalhar nas usinas ou nas oficinas de produção de energia, estradas ou ferrovias. O trem facilitava também que os trabalhadores rurais procurassem trabalho temporário nas cidades ou na capital. Anúncios de falecimento nos órgãos dos trabalhadores mostram que muitos trabalhadores rurais morriam em município diferente daquele em que haviam nascido. Isto indica uma mobilidade espacial maior, comparando com o século XIX. Ela, por sua vez, também aumentava a comunicação, portanto a divulgação das idéias.

Não apenas a mobilidade dos trabalhadores cresceu, como as próprias idéias eram transportadas, na forma impressa, naturalmente, já que os trens transportavam jornais. Mas outros também – doutores, jornalistas, estudantes e propagandistas anarquistas – viajavam de trem e difundiam novas idéias nas regiões mais afastadas. Pode-se mencionar em particular os ‘meninos jornaleiros’, descritos pelo famoso líder

¹⁶ *A Tribuna*, ‘sobre Jaboatão’, abril 1919.

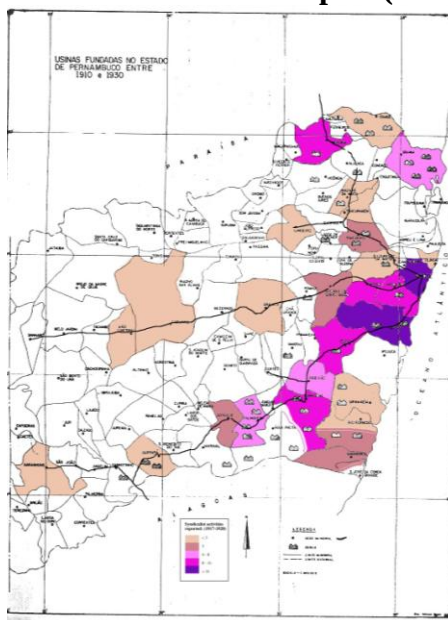
¹⁷ Ver a seção “Sobre o movimento” em *A Tribuna* que sempre relatava as reuniões, campanhas, comitês recém-eleitos, greves e repressões contra todos os sindicatos filiados.

comunista, Gregório Bezerra, nas suas memórias:¹⁸ Eles viajavam dentro dos trens para vender jornais aos passageiros. Ao fazer isto, muitas vezes, aprendiam a ler e escutavam muitas histórias de lugares diversos. Deste modo tornavam-se fontes orais de notícias para seus companheiros de classe analfabetos, no seu tempo livre.

Não é coincidência que certas regiões em Pernambuco foram mais afetadas pela propaganda sindicalista que outras. A ferrovia, passo em direção à maior integração regional, foi usada pelos militantes operários. A atividade sindicalista estendeu-se mais facilmente até cidades distantes ligadas pela ferrovia, como é ilustrado pelo mapa abaixo. Timbaúba e Palmares, cidades com uma estação ferroviária, são mais afastadas de Recife do que Ipojuca e Igarassú, municípios sem estação ferroviária. No entanto, o anarco-sindicalismo, vindo da capital, foi mais influente nas primeiras. (veja o Mapa)

Mapa I.

Atividade sindicalista nos municípios (1917-1920)¹⁹



A nova luta dos trabalhadores

Em maio de 1919, varias cidades açucareiras transformaram-se em palco de um movimento. O momento foi criado pelas greves que começaram em São Paulo ao Primeiro de Maio, e também pelo esforço de *A Tribuna* e a Federação Operária em Recife, para fortalecer o movimento operário no interior de Pernambuco e reivindicar a jornada de oito horas. No Cabo de Santo Agostinho, uma delegação enviada pelo Sindicato de Jaboatão já havia preparado a fundação de um sindicato, oficializado em

¹⁸ Gregório Bezerra, *Memórias. Primeira parte: 1900-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

¹⁹ Deve-se entender 'atividades' no sentido amplo, incluindo a introdução de um ponto de venda para a *Tribuna do povo*. Para a confecção desse mapa, foi utilizado o de Manuel Correia de Andrade, em *A História das usinas em Pernambuco* (Recife: Massangana, 1989), que mostra a localização das usinas fundadas na segunda e terceira década do século XX. A trajetória da ferrovia foi informada por Peter L. Eisenberg (*The sugar industry in Pernambuco*. Op. cit., p. 10) com os dados para 1910. As cores e a legenda com a informação sobre sindicalismo foram editadas por mim com base nas fontes seguintes: todos os exemplares disponíveis dos seguintes jornais obreiros: *Tribuna do povo*, *A Hora Social*, *Avante*, *Vanguarda*. Muito exemplares de jornais locais mencionam atividade sindical, dentre outros: *O Trabalho* (Gameleira 22-6-1919, 3-8-1919), *Floresta-Jornal* (Floresta dos Leões, 23-2-1919), *O Social* (Catende 4-8-1919?), *A Voz Infantil* (Vitoria, 31-8-1919) *Município Goiana* (Goana, 9-1919), *O Radical* 132-1 (Pau d'Alho 11-1919), *Município Goiana* (9-1920). Exemplares de abril até setembro de 1919 dos seguintes Diários: *Jornal do Recife*, *A província* (Recife), *Estado de São Paulo*.

13 de maio, Dia da Abolição.²⁰ O novo órgão organizou um protesto público contra os discursos oficiais na frente da prefeitura, dizendo que “a escravidão ainda continua apesar da ‘lei da abolição’. A escravidão dos pretos sucedeu a escravidão pelo capital dos trabalhadores de todas as cores”,²¹ segundo uma carta sobre o assunto, publicada no mesmo dia no diário progressista *A Província* (ver apêndice1).

Em 31 de maio, *A Tribuna do Povo* publicara uma carta que o Sindicato de Cabo havia enviado aos proprietários de usinas, reivindicando jornada de oito horas.²² Em 7 de junho, os trabalhadores da usina Santo Ignacio ficaram impacientes e mandaram um telegrama ao proprietário José Bezerra que estava no Rio de Janeiro. Este respondeu ao telegrama dizendo que fazia o mesmo que os outros usineiros. Subseqüentemente o sindicato pediu a todos os outros usineiros, apoio às demandas explicitadas na carta. Também enviou um ultimato de três dias. Assim a primeira greve começou no dia 10 de junho. Ela durou um mês, espalhou-se para outras usinas (Bom Jesus, Mameluco, Limoeirinho, Engenho Novo) e os camponeses da Santo Ignacio se juntaram ao movimento. Ao final, o proprietário concordou com a jornada de trabalho de 8 horas, mas em contrapartida demitiu um suposto ‘agitador’.²³

Nos meses seguintes, greves ocorreram e sindicatos foram organizados em outras cidades sedes de usinas na região. Foram fundados novos sindicatos em Gameleira, Goiana, Floresta dos Leões, São Caetano, Ribeirão, Nazaré da Mata, Barreiros e Palmares (o ultimo somente com 62 membros). O sindicato da Escada conseguiu negociar a jornada de trabalho de 8 horas com alguns empregadores, mesmo sem a necessidade de lançar greves de envergadura.²⁴ Outros ganharam vitórias, como a substituição de um administrador odiado.

A história das agitações em Gameleira constitui um exemplo documentado. Em 24 de junho, foi organizado um *meeting*, e mais de 200 pessoas escutaram discursos sobre legislação trabalhista, jornada de oito horas, analfabetismo, alcoolismo, febre amarela e facilidades sanitárias. Algumas semanas depois, chegou-se a um acordo na usina Bom Gosto que adotara a jornada de 8 horas para os trabalhadores ‘internos’ de usina, com exceção de obreiros ‘exteriores’ dos campos em volta. Vários sindicatos foram confrontados com essa divisão entre ‘internos’ e ‘externos’ pela gerencia das usinas. Como os trabalhadores do campo não estavam suficientemente organizados, ficou difícil para os sindicatos continuar recusando-a. O Sindicato de Cabo ainda tentou incluir mais camponeses com a distribuição de um manifesto, mas *A Tribuna* não publicou mais relatos sobre o assunto.²⁵

A greve geral do Recife, no final de julho, foi o ponto culminante do movimento grevista de 1919 em Pernambuco.²⁶ Na ocasião o advogado Joaquim Pimenta apresentou-se como porta-voz dos trabalhadores. Os ferroviários do Estado participaram da greve nos últimos dias. Depois de uma mediação de Governador Manuel Borba, a greve resultou numa jornada de 10 horas e aumentos de salário entre 5 e 20%. A greve geral do Recife chegou um pouco tarde em comparação com as greves nas capitais do

²⁰ A fundação orquestrada do Sindicato de Ofícios Vários de Cabo foi registrada também pelo *Jornal do Recife*, 18 de maio, 1919. O mesmo jornal relatara episódios de repressão sucessivos, em algumas usinas no Cabo (3 de junho 1919).

²¹ “O 13 de Maio”. In *A Tribuna* (17 de maio 1919).

²² “Na cidade de Cabo”. In *Tribuna* (31 de maio, 1919)

²³ “A greve dos camponeses”. In *Tribuna* (21 de junho, 1919) 4 e “Movimento operário”. *Tribuna do povo* (3 de Julho 1919).

²⁴ *Tribuna*, 29 de junho, 1919. Isto foi nos engenhos Taquara, Matapiruma, Barra, Conceição e Limoeiro.

²⁵ *Tribuna*, 5 de Julho, 1919.

²⁶ ——— Assim foi indicado por Cristiano Cordeiro no livro do Souza Barros, *A década -2de 20 em Pernambuco. Op. cit.9 (1972)*, p. 98.

resto do país. Em Pernambuco a onda de greves, antes de culminar na capital, começou no interior.

Repressão e conclusões

Contudo, a repressão no interior seguiu rapidamente. As sedes dos sindicatos (cabanas de madeira) foram destruídas, líderes aprisionados, até mesmo uma escola para crianças, fundada pelos anarquistas, foi queimada pela polícia. A igreja católica acrescentou à repressão a excomunhão de um padre simpático ao movimento dos trabalhadores.²⁷ A repressão, ainda comum, por parte dos próprios usineiros foi particularmente cruel. Além da demissão costumeira dos ‘agitadores’, muitos trabalhadores que haviam tomado parte nos protestos – durante o período das greves, mas também antes e depois – foram punidos fisicamente, provocando-lhes ferimentos graves. Ademais, durante algumas perturbações, um ano mais tarde, um militante português trabalhador imigrante foi morto a tiros pelos jagunços do usineiro.²⁸ Depois da grande greve ferroviária em 1920, a repressão também aumentou nos maiores centros operários e em Recife. Em 26 Setembro 1920, a sede do órgão operário – então chamado *A Hora Social* – foi invadida e fechada pela polícia.²⁹ Isto finalizou a comunicação regular do movimento, e depois desta data quase não há referências à agitação na região rural de Pernambucana.

A questão que permanece é: em que medida este movimento operário ou suas realizações tiveram alguma forma de continuidade? Até certo ponto, poder-se-ia dizer que a emergência do populismo e da legislação introduzida por Vargas contém algum elemento dos valores sociais que foram então levantados.³⁰ Entretanto, Gregório Bezerra lembra que os sindicalistas fundaram novas associações com nomes de conotação católica como a ‘União da Santa Maria de Consolação’. Elas se apresentavam como organizações de ajuda mútua, bandas musicais ou grêmios carnavalescos, e secretamente passaram adiante suas idéias ou então foram o local para conversas e pequenos protestos. Nos anos 1940, estas organizações contribuíram para a difusão das ligas comunistas em todo o Estado.³¹

Em conclusão, retratar a difusão de uma versão moderna e militante de engajamento – o anarco-sindicalismo – numa região tão ‘atrasada’ e opressiva quanto Pernambuco, revela muitos preconceitos, inclusive entre os estudiosos do período, que geralmente reagem com incredulidade. No entanto, o Estado não era atrasado como uma parte da literatura o pretende. A modernização da agro-indústria açucareira pode não ter significado mudança alguma para boa parte da população rural. Constituía, no entanto, a primeira penetração do capitalismo no campo e teve mais impacto do que apenas o

²⁷ Pelo menos é o que *A tribuna* (14 junho 1919) relata. Os arquivos públicos não tinham um jornal deste município, a imprensa regional não o cobria. Não tive acesso aos arquivos do episcopado.

²⁸ *A Hora Social*, (6 de Março de 1920 e 11 de Setembro de 1920). A imprensa também menciona um morto na prisão: *Jornal do Recife* (11 de Setembro, 1920).

²⁹ REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. *A classe operária em Pernambuco. Cooptação e Resistência (1900-1922)*. Campinas, Tese de Doutorado, pp. 143-4.

³⁰ Já que o Joaquim Pimenta que foi advogado e porta-voz dos operários ainda em 1919 e 1920, virou um político e participou no governo Vargas. Muito diferente que Cristiano Cordeiro e Antonio Bernardo Canellas que viram comunistas no começo de anos vinte. Veja Paulo Rezende, *A classe operária* (1981).

³¹ Gregório Bezerra, *Memórias*. Rio de Janeiro, 1980, p. 225. Também citada pela ABREU E LIMA, Maria do Socorro. *Construindo o Sindicalismo Rural: lutas, partidos, projetos*. Recife: universitária, 2005, p. 38: “Antes mesmo de 1945 existiram organizações no campo com objetivo reivindicativo. Estas entidades tinham quase sempre nomes de santos, de acordo com a preferência da massa e com o objetivo de evitar a reação do governo, do latifúndio e da própria Igreja, como Uniões camponesas Santa Teresinha, Irmandade Camponesa Santa Madalena, Associação Camponesa São João etc.”

aumento da produção de açúcar: a emergência de classes médias; uma mobilidade espacial maior; o surgimento de um pequeno, mas letrado, proletariado rural.

Em segundo lugar, o anarco-sindicalismo vindo da Europa pela mão dos migrantes do Sudeste, muitas vezes exilados políticos, atingiu Pernambuco. Sua difusão foi causada por trabalho ‘missionário’ ativo, facilitado pela melhoria nos meios de transporte e crescente mobilidade dos trabalhadores rurais.

É preciso guardar em mente, todavia, que este anarco-sindicalismo que se difundiu entre os trabalhadores das usinas, não representava o tipo mais libertário, nem de militância extremada. Refletia as idéias sociais progressistas do período e era geralmente utilizado para atender às demandas reformistas diretas dos trabalhadores. Os usineiros responderam de maneira algo contida, mas também com uma repressão tão dura que o movimento deixou de existir, pelo menos abertamente. Portanto, é preciso sublinhar que, embora se queira aqui realçar como este movimento de trabalhadores foi possível, o mais extraordinário é que ele viesse a ser possível de fato.

Recebido em 26.04.2010. Aceito em 04.05.2010.

Carta publicada do novo sindicato operário do Cabo sobre Dia de Abolição:

Syndicato de officios varios do Cabo

Escrevem-nos operarios desse municipio :

"Acaba de se fundar nesta cidade o "Syndicato de officios varios", que já conta avultado numero de associados.

A sua installação solenne effectuar-se-á hoje, em commemoração á grande data, no Paço municipal, gentilmente cedido pelo chefe desta cidade.

E' indiscriptivel o enthusiasmo reinante entre o operariado cabense, que, como os demais camaradas, vão comprehendendo que é na força das instituições syndicalistas que está a libertação do braço produtor, ha tantos millenios já explorado pelo jugo capitalista e correlativos parasitas.

A revolução franceza não se fez somente para a libertação do povo francez; muitas outras dynastias cahiram irremediavelmente em consequencia do vesuvio libertador de 89.

A revolução russa tambem nao ficará somente dentro dos ambitos daquelle paiz, hoje liberto.

Ela, pois, operarios brasileiros !

Reflecti acuradamente sobre as palavras do presidente de S. Paulo, o estado que se celebrou pelas innominaveis perseguições movidas aos operarios conscientes, que eram estolados nas praças publicas da industriosa capital sulista, e deportados sumarissimamente. Vêde as palavras do dr. Altino Arantes, as quaes poderão considerar com um verdadeiro acto de contricção, forçada, bem entendido... S. ex. referindo-se num telegramma ao presidente da Republica: "Precisamos ceder aos operarios tudo aquillo que elles nos pedem, antes que elles tomem tudo que lhes pertence".

— Festejemos a memoravel data da abolição da escravatura no Brazil, com a installação de uma sociedade syndicalista, e façamos um juramento sagrado aos nossos camaradas de aquem e de além mar que só nos afastaremos da lucta reivindicativa em que nos empenhamos no dia em que não mais existir entre nós a escravidão operaria !"

"Cabo, 12 de maio de 1919. A commissão."

Fonte: *A Provincia*, 13 Maio 1919